



“UM SUJEITO BÊBADO COMO UM INGLÊS”: A VISÃO JAPONESA DOS OCIDENTAIS NO RELATO DE ISABELLA BIRD(1885)

Emmanuel Henrich Reichert¹

Mestrando em História na Universidade de Passo Fundo (UPF)

Resumo: Este artigo analisa a visão que os japoneses tinham dos ocidentais no final do século 19, baseando-se nas atitudes descritas no relato de viagem intitulado *Unbeaten Tracks in Japan*, escrito pela viajante inglesa Isabella Bird, em 1885. Conclui-se que as concepções japonesas sobre o assunto ainda estavam em gestação, pois a população do interior sentia grande curiosidade por estrangeiros, sem, no entanto, saber muito sobre eles. Os habitantes de portos abertos ao comércio internacional, por sua vez, tinham maior familiaridade com os estrangeiros e uma visão dos ocidentais como rudes e ignorantes das regras de boa conduta.

Palavras-chave: Literatura de viagem – Japão – Isabella Bird

"A drunk subject as an english": japanese view about westerners in Isabela Bird's reports (1885)

Abstract: This article analyses how the Japanese viewed the Westerners in the late 19th century, based on the travel book *Unbeaten Tracks in Japan*, written by Isabella Bird, English traveler, in 1885. It is concluded that Japanese were still forming their conceptions on Westerners, for people in the countryside felt great curiosity over foreigners, but did not know much about them. Inhabitants of the Treaty Ports, by their turn, were more familiar with Westerners and saw them as rude people who ignored or disregarded rules of good behavior.

Keywords: Travel writing – Japan – Isabella Bird

www.veredasdahistoria.com

¹ E-mail para contato: ehr.historia@yahoo.com.br.



Introdução

Depois de séculos, com pouco contato entre si, o Japão e os países ocidentais restabeleceram definitivamente relações na década de 1850, como parte de um processo de intensificação da interdependência entre as diversas regiões do globo sob a égide das potências capitalistas após a Revolução Industrial.² Em 1853, o comodoro americano Matthew Calbraith Perry liderou uma expedição exigindo o estabelecimento de relações comerciais e diplomáticas, numa demonstração da impossibilidade de o governo japonês manter sua política de controle estrito das relações entre seu país e o exterior, iniciada no século 17.³ O tratado de Kanagawa, firmado por Perry, em 1854, foi apenas o primeiro de uma série de tratados desiguais com as potências ocidentais, que obtiveram cada vez mais concessões do governo japonês: abertura de diversos portos, estabelecimento de cônsules e embaixadas, tolerância ao cristianismo, etc. A incapacidade de resistir à abertura contribuiu para uma crise de legitimidade do governo militar da família Tokugawa e, após vários anos de caos e guerra civil, o último *shogun*, Tokugawa Yoshinobu, abdicou do poder em favor do jovem imperador Meiji, em 1867. A monarquia japonesa, apesar de nunca ter sido interrompida, manteve por muito tempo um *status* apenas simbólico, sem exercer autoridade efetiva, a qual esteve nas mãos de uma sucessão de governos militares desde o final do século 12; a volta da realeza ao governo do país foi considerada um retorno à situação anterior à usurpação do mando pelos guerreiros, ficando conhecida como Restauração Meiji. No entanto, a suposta restauração modificou profundamente o rumo do Japão, que se empenhou em seguir o caminho da modernização, emulando os modelos ocidentais com grande sucesso.⁴

Como seria de esperar, a atitude japonesa perante o Ocidente jamais foi unívoca:

² HOBBSAWM, Eric. **A era do capital – 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 79 ss.

³ A política retrospectivamente denominada *sakoku* (país fechado) tinha como elemento central a proibição da entrada de cristãos no país, exceto os holandeses da Companhia das Índias Ocidentais, que tinham autorização de realizar um comércio rigorosamente vigiado no porto de Nagasaki. As relações com os países vizinhos, China e Coréia, foram mantidas. O propósito principal do controle parece ter sido o temor dos governantes ao cristianismo como um elemento de subversão estrangeira. Cf. NOSCO, Peter. Early modernity and the state's policies toward Christianity in 16th and 17th century Japan. **Bulletin of Portuguese/Japanese Studies**, Lisboa: v. 7, n. 1, p. 7-21, 2003. Conferir também: KAZUI, Tashiro; VIDEEN, Susan Downing. Foreign Relations during the Edo Period: Sakoku Reexamined. **Journal of Japanese Studies**, Washington: v. 8, n. 2, p. 283-306, 1982.

⁴ JANSEN, Marius B. **Sakamoto Ryôma and the Meiji Restoration**. 2. ed. New York: Columbia University Press, 1994.



mesmo na época da expedição de Perry, houve vozes tanto favoráveis quanto contrárias a ceder a suas demandas. A ambiguidade continuou pelos anos seguintes, em que os inícios da abertura e o estabelecimento de europeus e americanos como professores, comerciantes, missionários e diplomatas eram de tempos em tempos estremecidos por assassinatos de estrangeiros.⁵

Considerando que o Japão foi o único país asiático que conseguiu se industrializar ainda no século 19 e ser tratado com certo respeito pelas grandes potências, especialmente após vencer a guerra russo-japonesa de 1904-1905, e que essa industrialização seguiu conscientemente modelos europeus e americanos, seria interessante investigar com mais cuidado as opiniões que os japoneses tinham acerca dos ocidentais nesse período. Este artigo busca dar uma contribuição preliminar a essa questão, analisando uma fonte em particular: o relato de viagem de Isabella Bird (1831-1904), inglesa que percorreu o interior do Japão em 1878.

1. Isabella Bird e seu relato: natureza, possibilidades e limitações da fonte

Mesmo sem ser o primeiro relato ocidental sobre o Japão, nem tampouco o primeiro escrito por uma mulher, o livro de Bird, *Unbeaten Tracks in Japan: An account of travels in the interior including visits to the aborigines of Yezo and the shrine of Nikko* (em tradução aproximada, *Caminhos pouco percorridos no Japão: Um relato de viagens no interior, incluindo visitas aos aborígenes de Yezo [atual ilha de Hokkaido] e ao santuário de Nikko*), originalmente publicado em 1880, tornou-se mais popular que a maior parte dos numerosos outros livros escritos sobre o país no mesmo período. Suficientemente popular, de fato, para continuar sendo reimpresso ainda hoje, e para que, em um estudo recente sobre os relatos de viagens ao Japão escritos por mulheres, Lorraine Sterry tenha afirmado que “a maior parte da pouca atenção que houve [a respeito] está concentrada em Isabella Bird”.⁶ Seu *status* clássico já estava confirmado

⁵ TOTMAN, Conrad. From Sakoku to Kaikoku. The Transformation of Foreign Policy Attitudes, 1853-1868. **Monumenta Nipponica**, Tokyo: v. 35, n. 1, p. 1-19, 1980; MIYAUCHI, D. Y. Yokoi Shōnan's Response to the Foreign Intervention in Late Tokugawa Japan, 1853-1862. **Modern Asian Studies**, Cambridge: v. 4, n. 3, p. 269-290, 1970; HESSELINK, Reinier H. The Assassination of Henry Heusken. **Monumenta Nipponica**, Tokyo: v. 49, n. 3, p. 331-351, 1994.

⁶ STERRY, Lorraine. Constructs of Meiji Japan: The Role of Writing by Victorian Women Travellers. **Japanese Studies**, Sydney: v. 23, n. 2, 2003, p. 168.



em 1905, quando Chamberlain, em sua bibliografia sobre o Japão, mencionou que “*Caminhos pouco percorridos no Japão*, da srta. Bird, é uma excelente descrição da viagem pelo Japão nos 'bons velhos dias' de um quarto de século atrás, sendo especialmente valioso seu relato dos ainus”.⁷

Sem considerar questões mais subjetivas como qualidade literária, Isabella tinha pelo menos duas vantagens sobre a maioria dos demais autores. Em primeiro lugar, sua experiência prévia como escritora. Ela foi a autora de vários livros descrevendo suas viagens, ostensivamente realizadas por motivos de saúde, e havia publicado anteriormente relatos sobre os Estados Unidos, Austrália e Havaí; depois do Japão, escreveu também sobre Tibete, Coreia e China, entre outros lugares, numa produção prolífica de obras que a tornaram a primeira mulher a ser eleita como membro da Royal Geographical Society.⁸ Além disso, *Caminhos pouco percorridos* não é um título injusto: enquanto a maior parte dos demais viajantes ateu-se à capital, aos portos abertos a estrangeiros pelos tratados (os *Treaty Ports*) e aos arredores dessas cidades, ela explorou regiões do interior do Japão praticamente desconhecidas por estrangeiros – o nordeste da ilha principal, Honshu, e parte da ilha setentrional de Hokkaido, ali visitando também vilas do povo ainu, nativo do norte do Japão – os “aborígenes de Yezo” do título da obra.⁹

Existem duas edições diferentes da obra: a original de 1880, em dois volumes, e uma segunda edição de 1885, condensada em um único volume, que omite, entre outras coisas, uma visita da autora ao santuário de Ise, no Japão central, após voltar do norte, sendo esta última a edição consultada para a presente pesquisa. Embora a edição original seja mais extensa, a segunda adquiriu maior popularidade, sendo ainda hoje a mais fácil de se encontrar, estando disponível em várias reimpressões e online. De acordo com um estudo comparativo entre as edições,

não houve reescrita ou adições substanciais no processo de edição. A

⁷ CHAMBERLAIN, Basil Hall. **Things Japanese**. Berkeley, California: Stone Bridge Press, 2007 [1905], p. 72-73.

⁸ KRÖLLER, Eva-Marie. First Impressions: Rhetorical Strategies in Travel Writing by Victorian Women. **ARIEL: A Review of International English Literature**, Calgary: v. 21, n. 4, 1990, p. 89.

⁹ O termo ainu designa “as populações de pescadores e caçadores das ilhas de Hokkaido, Kurilas e de Sacalina”. FRÉDERIC, Louis. **O Japão: Dicionário e civilização**. São Paulo: Globo, 2008, p. 46.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

remoção foi o meio principal pelo qual a versão mais longa transformou-se na mais curta. Enquanto alguns capítulos permaneceram intocados, outros foram abreviados em várias proporções. Vários, incluindo aqueles sobre a jornada posterior, foram completamente removidos.¹⁰

Conforme o prefácio, o livro consiste em cartas escritas por Isabella para sua irmã e amigos durante a viagem. A edição consultada apresenta 44 cartas, as mais longas sendo subdivididas em capítulos; as cartas praticamente não mencionam assuntos que não a viagem, e nem mesmo ficamos sabendo o destinatário de cada uma. Ou o conteúdo foi revisado para a primeira ou segunda edição ou, tratando-se de uma autora experiente, as cartas podem ter sido escritas já tendo em vista sua eventual publicação. A primeira carta de Isabella data de 21 de maio, escrita em Yokohama pouco tempo após sua chegada na cidade; a última foi escrita em 18 de dezembro em Edo, na véspera de sua partida do país. Nesses cerca de sete meses, ela viajou constantemente, passando a maior parte do tempo nas estradas e vilarejos do norte do Japão, que não só eram pouco conhecidos por estrangeiros, mas que, também, em contrapartida, tinham informações e acesso limitados ao mundo exterior.

Devido ao itinerário de sua autora, *Unbeaten tracks* não oferece muitas informações sobre as atitudes em relação aos estrangeiros por parte do governo e dos pensadores e políticos envolvidos nas discussões sobre os rumos da modernização japonesa – para investigar essas questões, seria mais proveitoso buscar outras fontes, sejam os diversos relatos escritos por diplomatas ocidentais ou obras de autoria dos próprios japoneses. Por outro lado, o livro é rico em detalhes sobre um aspecto, talvez, menos político e mais cultural: quais reações à presença dos ocidentais gerava nos japoneses comuns, fossem eles moradores dos *Treaty Ports* já habituados aos forasteiros ou habitantes do interior que jamais haviam visto antes um não-japonês? Não se trata, portanto, de um esquema mental formulado cuidadosamente, mas de um conjunto de atitudes por parte de diversos atores sociais, não necessariamente em concordância entre

¹⁰ OZAWA, Shizan. Erasing Footsteps: On Some Differences between the First and Popular Editions of Isabella Bird's *Unbeaten Tracks in Japan*. In: CLARK, Steve; SMETHURST, Paul (orgs.). **Asian Crossings: Travel Writing on China, Japan and Southeast Asia**. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2008, p. 88.



si.

Distorções de alguma espécie são inevitáveis a qualquer relato de viagem, bem como a qualquer olhar do Eu sobre o Outro, especialmente porque o Outro é analisado e construído tendo o Eu como ponto de referência.¹¹ O livro de Bird não é exceção: apesar de ela mostrar uma visão nuançada do Japão, com matizes positivos e negativos, alguns aspectos não receberam esse tratamento relativamente imparcial, como no caso da religião; para ela, as religiões nativas, especialmente as dos ainus, não estavam à altura do cristianismo. Contudo, seria demasiado simplista acusá-la de chauvinismo cultural: como lembra Bach, ela também “apresenta aspectos de culturas estrangeiras como superiores à sua própria”, como a apreciação dos japoneses pela beleza natural.¹² Segundo Kröller, Isabella apresentava um forte etnocentrismo em seu primeiro livro sobre os Estados Unidos; com o tempo, esse preconceito diminuiu, especialmente em *Unbeaten tracks*, quando se encontrou diante “de um representante assertivo da cultura que ela veio investigar” - seu guia, que veremos em seguida.¹³

A obra de Bird, com seu caráter culturalmente complexo - em que a cultura do Outro era descrita, contanto que não se chocasse com seus próprios preconceitos, e em que o Outro podia falar e mesmo criticar a cultura ocidental da escritora e de seus presumíveis leitores, mas apenas quando ela, na condição de autora, decidisse registrar essa voz -, pertence assim àquilo que Mary Louise Pratt chama de zonas de contato, “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação”.¹⁴

Levando em conta o cuidado particular que é preciso ter com a fonte e que ela reflete os juízos de valor de sua autora, especialmente no que diz respeito à seleção do que seria narrado ou não, também não há nenhum motivo *a priori* para duvidar da veracidade factual daquilo do que Isabella afirma sobre o tratamento que recebeu por parte dos japoneses, ou o que eles diziam a respeito dos estrangeiros, embora a

¹¹ HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

¹² BACH, Evelyn. A Traveller in Skirts: Quest and Conquest in the Travel Narratives of Isabella Bird. **Canadian Review of Comparative Literature**, Edmonton, Canada: v. 22, n. 3-4, 1995, p. 595.

¹³ KRÖLLER, *Op. cit.*, p. 98.

¹⁴ PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999, p. 27.



interpretação que ela fazia a respeito desses fatos não seja necessariamente correta.

Passemos, então, ao que eles diziam, começando pelas reações de uma pessoa em particular, com quem Isabella conviveu por mais tempo durante sua estada no Japão: Ito, seu criado e intérprete.

2. Ito: patriotismo e “modos de missionário”

Em Yokohama, um dos problemas com que Isabella se deparou ao planejar sua viagem pelo interior foi o de empregar alguém que fizesse às vezes de serviçal e tradutor. Dos vários candidatos interessados, a maior parte foi rejeitada por ter péssimo inglês e não conhecer as regiões do país que seriam percorridas. Tendo selecionado alguns candidatos mais promissores, ela estava a ponto de contratar um deles quando apareceu Ito, um jovem de 18 anos, sem cartas de recomendação. A primeira impressão foi negativa: “ele é o japonês de aparência mais estúpida que eu já vi, mas, por um olhar rápido e furtivo em seus olhos de vez em quando, acho que a estupidez é em parte fingida”;¹⁵ por outro lado, Ito tinha uma série de conhecimentos úteis, especialmente um inglês compreensível e conhecimento do norte, onde estivera com um botânico estrangeiro. Isabella decidiu-se por ele, embora não com muito entusiasmo: “eu suspeitei do menino e não gostei dele. Porém, ele entendia meu inglês e eu, o dele e, estando muito ansiosa para começar minhas viagens, contratei-o por doze dólares por mês”.¹⁶ Aos poucos, Ito é descrito mais cuidadosamente e mostra-se um guia útil, embora Isabella não tenha deixado de lado seus preconceitos; por exemplo, na seguinte passagem, escrita após um mês e meio de convivência:

À noite ele fica com meu relógio, passaporte e metade do meu dinheiro, e frequentemente me pergunto o que seria de mim se ele fugisse durante a madrugada. Ele não é um bom rapaz. Não tem senso moral, segundo as

¹⁵ BIRD, Isabella Lucy. **Unbeaten Tracks in Japan: An account of travels in the interior including visits to the Aborigines of Yezo and the Shrine of Nikko**. Berkeley, California: Stone Bridge Press, 2006 [1885], p. 17.

¹⁶ BIRD, Isabella Lucy. *Op. cit.*



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

*nossas concepções; não gosta de estrangeiros; seus modos muitas vezes são bastante desagradáveis; e, mesmo assim, duvido que eu pudesse ter obtido um criado e intérprete mais valioso.*¹⁷

A conduta paradoxal de confiar pertences importantes a uma pessoa enquanto se alega que a mesma “não tem senso moral” mais uma vez mostra os limites inerentes à fonte. Andrew Elliott, ao pesquisar a relação entre Isabella e Ito no texto, mostrou a sua complexidade: ora Ito era estereotipado, ora suas particularidades e opiniões ganhavam maior espaço.¹⁸ Assim, por outro ângulo, podemos ver também algumas dessas opiniões que ele sustentava, e que em geral não eram simpáticas aos estrangeiros. Sua posição sobre a modernização era pragmática e otimista: “o Japão está certo em empregar as descobertas feitas por estrangeiros, que estes têm outro tanto a aprender com o país e que ele irá ultrapassá-los na corrida, porque toma tudo que vale a pena ter e rejeita o íncubo do cristianismo”.¹⁹ O seu interesse particular estava em aprender o melhor inglês possível, mantendo um caderno com novas palavras e tirando dúvidas com Isabella.

O patriotismo podia se expressar também através da vergonha pelos aspectos negativos do Japão. Após passarem a noite na aldeia de Fujihara, bastante pobre, e não conseguirem dormir por causa das pulgas na hospedaria e cachorros latindo na rua, ele disse estar envergonhado de que uma estrangeira visse um lugar assim.²⁰ Um episódio semelhante ocorreu na aldeia de Kurosawa. Isabella conta que, diante de cenas de pobreza e de uma mulher bêbada na rua, “Ito sentou-se sobre uma pedra escondendo o rosto nas mãos, e quando perguntei se ele estava passando mal, ele respondeu com uma voz lamentável, 'Eu não sei o que fazer, estou tão envergonhado por você ver tais coisas’”.²¹

A religião cristã, como visto acima, não era tida em alta conta por Ito. De acordo com Isabella, ele não tinha religião, apesar de ser nominalmente xintoísta, por ter passado tempo demais com estrangeiros. Em uma ocasião, quando ela leu para ele

¹⁷ BIRD, Isabella Lucy. *Op.cit.*, p. 153.

¹⁸ ELLIOTT, Andrew. **Ito and Isabella in the Contact Zone: Interpretation Mimicry and Unbeaten Tracks in Japan.** Disponível em: <http://www.japanesestudies.org.uk/articles/2008/Elliott.html>. Acesso em: 13 jun 2011.

¹⁹ BIRD, Isabella Lucy. *Op. cit.*, p. 154.

²⁰ BIRD, Isabella Lucy. *Op. cit.*, p. 81.

²¹ BIRD, Isabella Lucy. *Op. cit.*, p. 118.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

passagens do Evangelho de Lucas, sua resposta foi desdenhosa, rindo e dizendo “Ora, tudo isso é o nosso Buda repetido!”.²²

Quanto aos estrangeiros propriamente ditos, ou pelo menos os ingleses, sua opinião tampouco era muito favorável. Isabella eventualmente atribui essa atitude ao comportamento nocivo e corruptor dos estrangeiros que ele teria visto em Yokohama:

Os hábitos de muitos dos estrangeiros de Yokohama ajudaram a apagar quaisquer distinções entre certo e errado, se ele já tivera alguma. Se ele deseja me dizer que viu um homem muito embriagado, sempre diz que viu 'um sujeito bêbado como um inglês'. Em Nikkô eu perguntei quantas esposas um homem poderia ter legalmente no Japão, e ele respondeu, 'Só uma legal, mas tantas outras quantas ele puder sustentar, exatamente como os ingleses'.²³

Curiosamente, as atitudes da própria Isabella perante os ingleses que visitavam o Japão mudaram com o tempo, como pode ser apreendido da comparação entre o trecho acima, em que a autora admite o mau comportamento de seus compatriotas, e uma descrição anterior que ela fez de Ito:

Ele é intensamente japonês, seu patriotismo tem toda a fraqueza e força da vaidade pessoal, e acredita que tudo o que é estrangeiro é inferior. Nossos modos, olhos e maneiras de comer parecem-lhe simplesmente odiosas. Ele deleita-se em contar histórias dos maus modos dos ingleses, descrevendo como eles “gritam ohio [ohayô = bom dia] para todos na estrada”, assustam as ninfas das casas de chá, chutam ou esbofeteiam seus coolies, pisoteiam capachos brancos com botas enlameadas, agem em geral como sátiros malcriados, gerando um ódio mal contido nos simples distritos do interior e trazendo para si mesmos e seu país desprezo e ridículo.²⁴

A esse trecho ela acrescentou uma nota de rodapé, dizendo que isso só poderia

²² BIRD, Isabella Lucy. *Op. cit.*, p. 82.

²³ BIRD, Isabella Lucy. *Op. cit.*, p. 155.

²⁴ BIRD, Isabella Lucy. *Op. cit.*, p. 81-82.



ser o caso dos ocupantes “mais baixos” dos *Treaty Ports*. Dos “ocupantes mais baixos” para “muitos dos estrangeiros”: na zona de contato, Ito podia ser influenciado pelos ocidentais, mas também podia influenciar Isabella.

A pouca estima que Ito tinha pelos estrangeiros podia ainda ser usada para amenizar defeitos próprios; em uma ocasião, Isabella queixou-se a Ito dos seus modos, ao que ele prometeu melhorar, acrescentando uma justificativa: “mas os meus são apenas modos de missionário!”.²⁵

Em suma, o japonês mais individualizado em *Caminhos pouco percorridos*, e também um dos mais abertos ao contato com o mundo exterior, tendo bom domínio de uma língua estrangeira, trabalhando para ocidentais e morando em uma cidade onde estes eram comparativamente comuns, não tinha esse mundo em alta conta, exceto em uma perspectiva instrumental, pela qual o Japão devia se apropriar dos conhecimentos necessários para sua prosperidade. Vejamos agora outras reações japonesas presentes no relato, que ajudam a vislumbrar mais matizes da variedade de pontos de vista existente na época.

3. Curiosidade e estranhamento – Atitudes diversas

Acima de tudo, a atitude predominante dos moradores das aldeias por onde Isabella Bird passava era a curiosidade. Será suficiente mencionar uma dentre várias ocorrências parecidas; quando ela almoçava em Yusowa, cidade de 7 mil habitantes,

as pessoas vieram às centenas ao portão, e aquelas mais atrás, sem conseguir me ver, pegaram escadas e subiram nos telhados próximos, onde ficaram até um dos telhados cair com um estrondo, e derrubar cinquenta homens, mulheres e crianças na sala abaixo, que felizmente estava vazia. Ninguém gritou – um fato notável – e houve apenas alguns machucados. Então surgiram quatro policiais e exigiram meu passaporte, como se eu fosse responsável pelo acidente e, sem conseguir ler uma determinada palavra, como todos os outros, perguntaram por que eu estava viajando, e ao saberem que era para “aprender sobre o país”, perguntaram se eu estava fazendo um mapa! Tendo sua curiosidade satisfeita eles desapareceram, e a

²⁵ BIRD, Isabella Lucy. *Op. cit.*, p. 206.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

*multidão voltou em números ainda maiores. O Agente de Transportes implorou que fossem embora, mas eles disseram que poderiam nunca mais ver uma visão assim outra vez! Um velho camponês disse que iria embora se lhe contassem se “a visão” era homem ou mulher, e quando o agente perguntou por que isso lhe importava, ele respondeu que desejava contar em casa o que tinha visto, o que despertou minha simpatia imediatamente, e pedi para Ito dizer a eles que um cavalo japonês galopando dia e noite, sem parar, levaria cinco semanas e meia para chegar ao meu país – uma constatação que ele está usando bastante ao longo do caminho.*²⁶

Juntamente com a curiosidade, um extremo estranhamento, a ponto de o velho de Yusowa não saber se ela era homem ou mulher. Esse episódio não foi *sui generis*; um momento de confusão semelhante havia ocorrido anteriormente quando, diante da aproximação de Isabella, um bando de meninas saiu correndo,

*mas logo voltaram quando Ito falou com os mais velhos. [...] Eu uso um chapéu, que as mulheres só usam nos campos para se protegerem do sol e da chuva, minhas sobranceiras não foram removidas e meus dentes não são enegrecidos, então as meninas me tomaram por um homem estrangeiro. Ito explicou que “Elas não viram nenhum, mas todos contam histórias de como os estrangeiros são rudes com as meninas, e elas estão terrivelmente assustadas”.*²⁷

Somando a isso às vezes em que confundiram Isabella com uma ainu ou chinesa, pode-se concluir que a população do interior japonês dispunha de escassos dados que lhe permitisse formar uma imagem dos ocidentais: pouca informação concreta ou contato direto com eles, como seria de esperar, mas também uma aparente ausência de noções culturalmente difusas, de estereótipos sobre eles. As anedotas de Ito e o episódio das meninas que fugiram de Isabella, pensando que ela fosse um homem mostram, no entanto, que esses estereótipos estavam sendo construídos naquele momento, e que eram fortemente negativos. Os ocidentais eram vistos principalmente como rudes,

²⁶ BIRD, Isabella Lucy. *Op. cit.*, p. 138.

²⁷ BIRD, Isabella Lucy. *Op. cit.*, p. 83.



ignorantes das formas de conduta que, para os japoneses, marcavam o comportamento civilizado. Em uma hospedaria, por ter seguido algumas dessas normas (tirar os calçados antes de pisar no tatame, curvar-se ao receber um objeto), Isabella ouviu da anfitriã que ela era “muito educada – para uma estrangeira”.²⁸ Mesmo se os estereótipos em formação eram negativos, é importante lembrar que as consequências práticas disso para Isabella Bird foram poucas; ela conseguiu viajar como desejava, sem ser alvo de violência ou se deparar com problemas que não os de qualquer viajante, salvo as constantes multidões que se aglomeravam perto das hospedarias para vê-la. De fato, o livro menciona uma pequena falta de respeito em uma única ocasião, quando um menino chamou Isabella por um termo pejorativo para 'estrangeiro'. Esse caso é a exceção que confirma a regra, pois depois o menino foi admoestado e um policial pediu desculpas à viajante.²⁹

Salvo as menções depreciativas aos ingleses, que interessavam diretamente a Bird, pouco se fala no relato sobre nacionalidades específicas;³⁰ mas há uma exceção digna de nota: trata-se, mais uma vez, de uma dona de hospedaria. Esta nunca havia ouvido falar na Inglaterra ou nos Estados Unidos, mas “sabe que a Rússia é uma grande potência e, é claro, ouviu falar da China, mas aí termina o seu conhecimento, embora ela já tenha estado em Tóquio e Kyoto”.³¹ A referência à China é pouco surpreendente, considerando a importância do Império do Meio ao longo da história japonesa – já foi dito que “a cultura chinesa nutriu o Japão”³²; mas ter ouvido falar da Rússia, e não dos americanos, que haviam realizado a reabertura do Japão ao Ocidente, nem dos ingleses, cuja conduta com a China na Guerra do Ópio e depois era uma fonte de receio para o governo Meiji, é algo inesperado. Infelizmente, a fonte mais uma vez mostra seus limites, e essa aparente peculiaridade não é explicada. Contudo, não se trata de um fenômeno isolado; a importância dada pelos japoneses à Rússia pode ser vista em fontes mais antigas, como em uma passagem do relato de Charles Hodgson, cônsul britânico

²⁸ BIRD, Isabella Lucy. *Op. cit.*, p. 102.

²⁹ BIRD, Isabella Lucy. *Op. cit.*

³⁰ Os chineses também eram mencionados esporadicamente, mas estão além do âmbito deste artigo.

³¹ BIRD, Isabella Lucy. *Op. cit.*, p. 98.

³² WANG Xiangrong. Periodizing the History of Sino-Japanese Relations. *Sino-Japanese Studies* [online]: v. 2, n. 1, 1989, p. 29. Disponível em: <<http://chinajapan.org/articles/02.1/02.1.28-41wang.pdf>>. Acesso em 13 jun 2011.



no Japão no final da década de 1850:

Foi em uma reunião particular de homens eminentes: o funcionário principal perguntou-me qual a maior nação do mundo (depois do Japão, estava subentendido). Respondi que, na minha opinião, havia cinco grandes nações, ou seja, França, a Confederação Germânica, Grã-Bretanha, Rússia e os Estados Unidos, e que Turquia, Sardenha, Espanha e Portugal eram potências secundárias.

P: A Rússia é uma grande potência?

R: Certamente.

P: A França e a Grã-Bretanha são grandes potências?

R: Certamente.

P: Muito bem; a Sardenha e a Turquia são potências secundárias?

R: Sim, mas de grande importância política.

P: São potências?

R: Sim, e muito úteis.

P: Então, como você mesmo admite, duas grandes potências e duas potências secundárias enfrentaram a Rússia por dois anos, e foram obrigadas a se retirar ou, em todo caso, ficaram aliviadas ao se retirar; então a Rússia, que pôde vencer quatro potências, deve ser uma nação grandiosa.³³

Foi inútil discutir a questão. Fiz o melhor que pude; mas os japoneses ainda pensam que o Imperador da Rússia está atrás apenas do taikun [shogun] de Edo³⁴.

Tanto um dignitário da década de 1850 quanto uma mulher do interior, vinte anos depois, tinham a Rússia em mente, cada um dentro de suas possibilidades. Por trás disso, havia uma preocupação antiga do governo japonês com a expansão russa rumo ao Pacífico, havendo uma indefinição das fronteiras entre a Rússia e o norte do Japão – de resto, essa indefinição continua, com as ilhas Kurilas tendo sido tomadas pela União

³³ O conflito em questão foi a Guerra da Crimeia (1854-1856). Cf. HOBBSAWM, op. cit., p. 116-117.

³⁴ HODGSON, Charles Pemberton. **A residence at Nagasaki and Hakodate in 1859-1860, With an account of Japan generally**. London: Richard Bentley, 1861, p. 308-309.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

Soviética no final da Segunda Guerra Mundial e reivindicadas pelo Japão até hoje. A preocupação aumentou desde o começo do século 19, com algumas tentativas russas de abrir o comércio com o Japão, levando a uma temporária intensificação do controle por parte do governo xogunal sobre a região norte do país, até então vista como periférica.³⁵ Aí se encontra a pista que explica porque a Rússia se tornou um nome mais conhecido e respeitado do que as outras grandes potências da época.

Comentários finais

Vimos até agora que as atitudes dos japoneses perante os ocidentais não eram monolíticas, variando entre o estranhamento amistoso e a familiaridade menos amistosa. Essa última atitude, ilustrada pelo caso de Ito, estava relacionada ao patriotismo, ao desejo de emular as realizações dos estrangeiros e ao desprezo pelo comportamento e imoralidade dos mesmos.

Devo ressaltar aqui novamente as limitações da fonte, que, apesar de sua importância, não permite responder a outras questões importantes: por exemplo, o quanto Ito era representativo da parcela da população que tinha maior contato com estrangeiros ou, talvez, da geração pós-abertura. Afinal, seria preciso saber quão difundida era essa mentalidade para poder afirmar o papel que ela exerceu, se algum, nas realizações do Japão do período Meiji – tanto as positivas, como o rápido desenvolvimento e preservação da soberania, quanto as negativas, como o imperialismo. É interessante lembrar que uma das manifestações do imperialismo japonês - o expansionismo na Coreia, culminando com sua anexação em 1910 - já estava germinando quando Isabella viajava pelo interior do Japão. Alguns anos antes, de fato, o governo estava dividido quanto a invadir ou não a Coreia, e a negativa, em 1873, levou a uma importante divisão entre os líderes da restauração, que, até o momento, haviam mantido uma certa unidade. A decisão foi revertida pouco depois e, em 1876, o Japão submeteu os coreanos a um tratado desigual semelhante aos que os próprios japoneses precisaram aceitar por parte de europeus e americanos, incluindo a extraterritorialidade

www.veredasdahistoria.com

³⁵ JANSEN, Marius B. **The making of modern Japan**. Cambridge: Harvard University Press, 2000, p. 258-264.



e a abertura de portos ao comércio internacional.³⁶

Seja como for, mesmo que houvesse aí um vínculo, não podemos responsabilizar Ito. Ele não tinha nenhuma influência sobre os rumos da política de seu governo, e seu desdenho pelos estrangeiros, além de ter certo fundamento, não o impediu de conduzir a bom termo a função para a qual fora contratado: colaborar para a viagem de uma mulher inglesa, sozinha e sem conhecer o idioma, por regiões do Japão até então conhecidas apenas pela população nativa. Mesmo se uma atitude como a dele tiver sido causa necessária para o imperialismo vindouro, certamente não foi uma causa suficiente. Em vários momentos posteriores, a história poderia ter tomado um curso diferente: uma derrota para a Rússia na guerra de 1904-1905 teria tornado o imperialismo japonês inviável; uma atitude de maior boa vontade por parte das potências aliadas no final da Primeira Guerra Mundial, quando o Japão defendeu, sem sucesso, que o Pacto da Liga das Nações incluísse uma cláusula de igualdade racial, poderia contribuir para que o país seguisse um rumo menos agressivamente nacionalista.³⁷ Mas sobre esses e outros dados contrafactuais, por enquanto, resta apenas especular, até que sejam empreendidas maiores pesquisas para lançar luzes sobre tais questões.

Referências Bibliográficas:

- BACH, Evelyn. A Traveller in Skirts: Quest and Conquest in the Travel Narratives of Isabella Bird. **Canadian Review of Comparative Literature**, Edmonton, Canada: v. 22, n. 3-4, p. 587-600, 1995.
- BIRD, Isabella Lucy. **Unbeaten Tracks in Japan: An account of travels in the interior including visits to the Aborigines of Yezo and the Shrine of Nikko**. Berkeley, California: Stone Bridge Press, 2006 [1885].
- CHAMBERLAIN, Basil Hall. **Things Japanese**. Berkeley, California: Stone Bridge Press, 2007 [1905].
- ELLIOTT, Andrew. **Ito and Isabella in the Contact Zone: Interpretation Mimicry and Unbeaten Tracks in Japan**. Disponível em: <<http://www.japanesestudies.org.uk/articles/2008/Elliott.html>>. Acesso em: 13 jun 2011.
- FRÉDÉRIC, Louis. **O Japão: Dicionário e civilização**. São Paulo: Globo, 2008.
- HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- HESSELINK, Reinier H. The Assassination of Henry Heusken. **Monumenta Nipponica**, Tokyo: v. 49, n. 3, p. 331-351, 1994.

36 Ibid., p. 362-364, 424.

37 MACMILLAN, Margaret Olwen. **Paz em Paris, 1919: A Conferência de Paris e seu mister de encerrar a Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004, p. 340-357.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

- HOBBSAWM, Eric. **A era do capital – 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- HODGSON, Charles Pemberton. **A residence at Nagasaki and Hakodate in 1859-1860, With an account of Japan generally**. London: Richard Bentley, 1861.
- JANSEN, Marius B. **Sakamoto Ryôma and the Meiji Restoration**. 2. ed. New York: Columbia University Press, 1994.
- JANSEN, Marius B. **The making of modern Japan**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- KAZUI, Tashiro; VIDEEN, Susan Downing. Foreign Relations during the Edo Period: Sakoku Reexamined. **Journal of Japanese Studies**, Washington: v. 8, n. 2, p. 283-306, 1982.
- KRÖLLER, Eva-Marie. First Impressions: Rhetorical Strategies in Travel Writing by Victorian Women. **ARIEL: A Review of International English Literature**, Calgary: v. 21, n. 4, p. 87-99, 1990.
- MACMILLAN, Margaret Olwen. **Paz em Paris, 1919: A Conferência de Paris e seu mister de encerrar a Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- MIYAUCHI, D. Y. Yokoi Shônan's Response to the Foreign Intervention in Late Tokugawa Japan, 1853-1862. **Modern Asian Studies**, Cambridge: v. 4, n. 3, p. 269-290, 1970.
- NOSCO, Peter. Early modernity and the state's policies toward Christianity in 16th and 17th century Japan. **Bulletin of Portuguese/Japanese Studies**, Lisboa: v. 7, n. 1, p. 7-21, 2003.
- OZAWA, Shizan. Erasing Footsteps: On Some Differences between the First and Popular Editions of Isabella Bird's Unbeaten Tracks in Japan. In: CLARK, Steve; SMETHURST, Paul (orgs.). **Asian Crossings: Travel Writing on China, Japan and Southeast Asia**. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2008.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- STERRY, Lorraine. Constructs of Meiji Japan: The Role of Writing by Victorian Women Travellers. **Japanese Studies**, Sydney: v. 23, n. 2, p. 167-183, 2003.
- TOTMAN, Conrad. From Sakoku to Kaikoku. The Transformation of Foreign Policy Attitudes, 1853-1868. **Monumenta Nipponica**, Tokyo: v. 35, n. 1, p. 1-19, 1980.
- WANG Xiangrong. Periodizing the History of Sino-Japanese Relations. **Sino-Japanese Studies** [online]: v. 2, n. 1, p. 28-41, 1989. Disponível em: <<http://chinajapan.org/articles/02.1/02.1.28-41wang.pdf>>. Acesso em 13 jun 2011.

www.veredasdahistoria.com